

O MUSEU MARIANO PROCÓPIO COMO ESPAÇO DE EXTENSÃO EM AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

ADEBIANO PEREIRA¹

<https://orcid.org/0009-0003-8643-5717>
adebiano.pereira@educacao.mg.gov.br

RESUMO

O trabalho que ora se apresenta é resultado de uma sequência de aulas realizadas nos 8ºs anos do ensino fundamental na EM CAIC Núbia Pereira de Magalhães Gomes no ano letivo de 2025. A proposta foi elaborar uma sequência de aulas articulando os conteúdos previstos no plano de curso com o acervo do Museu Mariano Procópio, ao final dessa sequência foi realizada uma visita mediada ao museu e uma atividade lúdica de construção de uma maquete do seu prédio. Acreditamos que a atividade proposta enriquece a experiência escolar no ensino de História ao dar materialidade aos conteúdos estudados contribuindo para a construção de sentidos, remodelando o uso tradicional de fontes históricas, proporcionando o conhecimento do patrimônio histórico municipal e a apropriação de um importante espaço público da cidade de Juiz de Fora.

Palavras-chave: Ensino de História. Patrimônio Histórico. Museu Mariano Procópio.

RESUMEN

El trabajo que se presenta aquí es el resultado de una serie de lecciones impartidas en el octavo grado de primaria en el EM CAIC Núbia Pereira de Magalhães Gomes durante el año escolar 2025. Museo Mariano Procópio. Al final de esta secuencia, se realizó una visita guiada al museo, seguida de una actividad lúdica que incluyó la construcción de una maqueta del museo visitado. Consideramos que la actividad propuesta enriquece la experiencia escolar en la enseñanza de la Historia al materializar el contenido estudiado, contribuir a la construcción de significados, proporcionar conocimiento del patrimonio histórico municipal y apropiarse de un importante espacio público en la ciudad de Juiz de Fora.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Patrimonio Histórico. Museu Mariano Procópio.

1. APRESENTAÇÃO

O trabalho aqui relatado foi realizado a partir de reflexões sobre os sentidos do ensino de História nos diversos contextos em que estão imersos os estudantes, e também pensando na apreensão do patrimônio histórico municipal e da cidade em si, por parte desses sujeitos. Assim, as atividades foram pensadas de modo que

¹ Graduação em História (UFJF/2012), especialização no Ensino de História e mestrado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2016), atuando principalmente nos seguintes temas: sistemas de saúde, neoliberalismo, política de saúde, estado de bem estar social e desregulação econômica. Atualmente é professor na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e na Secretaria de Educação de Juiz de Fora, MG. Lidera o Núcleo de Estudos e Pesquisa Histórico-geográfico de Piau.

auxiliassem na construção de sentidos para os estudantes que, ao longo do ano, avançavam em conteúdos que poderiam ser explorados com auxílio das peças do acervo do Museu Mariano Procópio, em especial, algumas que chamaremos, neste estudo, de peças-chaves do acervo.

Desde de que a visita foi agendada o desenvolvimento dos conteúdos abordados passaram a ser pensados de modo a estabelecer ligações com peças-chaves do acervo do museu. São elas: Tiradentes Esquartejado de Pedro Américo, o trono do beija-mão de Dom João VI, o capacete imperial da guarda de honra de Pedro I, as cartas de Pedro I à Marquesa de Santos e fotografias da família imperial. Assim, ao abordar os assuntos em sala de aula, tínhamos sempre a preocupação de relacionar os elementos do acervo preparando os estudantes, mas deixando alguns elementos para serem descobertos e discutidos no momento da visita guiada.

Além do ganho pedagógico na construção dos sentidos para os objetos de estudo, acreditamos que tal experiência também contribui enormemente para o conhecimento do patrimônio histórico municipal, bem como para a apropriação e sentido de pertencimento à cidade. Não só as peças citadas acima ou o restante do acervo foram explorados como extensão do ensino, mas todo o parque do museu e, porque não dizer, todo o espaço da cidade que liga o bairro ao museu, uma vez que alguns processos de formação urbana também foram alvos da discussão.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA

A EM CAIC Núbia Pereira de Magalhães Gomes fica situada no bairro Santa Cruz, na zona norte da cidade de Juiz de Fora. Ela atende uma comunidade densamente povoada, sendo uma das escolas com o maior número de estudantes da rede municipal de ensino. A escola teve no ano letivo de 2025 quatro turmas de 8ºs anos, com cerca de vinte estudantes cada, todos entre 14 e 15 anos de idade. Dentre essas turmas, lecionamos o componente curricular de História em três, nas quais foram realizadas a experiência tal como aqui registrada. Aqui, cabe notar que a turma restante, embora trabalhada por outra professora, teve um trabalho semelhante visto que estávamos em permanente contato e se valendo dos mesmos suportes.

A comunidade atendida pela escola tem um público variado, mas acreditamos

que a falta de acesso à cidade é uma das marcas comuns à muitos desses estudantes. A distância em relação ao museu visitado e a outros espaços públicos da cidade limita a apropriação desses lugares a esses estudantes que circulam principalmente pelo bairro e o entorno mais próximo. O ano letivo anterior foi o primeiro que realizamos essa experiência de visita ao museu, porém, de forma menos elaborada. Na ocasião, apenas um estudante que cursava o 8º ano já havia visitado o espaço de forma espontânea, neste ano, o número subiu para cerca de 20% dos estudantes. Isso ocorreu porque alguns colegas voltaram da visita relatando a experiência, como pela gratuidade do transporte coletivo aos domingos, o que incentivou as famílias a se deslocarem pela cidade. Assim, acreditamos que ações como essas realizadas pelas escolas, não só proporcionam sentido aos conteúdos estudados, mas também auxiliam no acesso aos bens sociais e culturais da cidade. Além disso, incentiva que outros membros da comunidade escolar se interessem por esses espaços públicos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com frequência, o ensino de História é tomado como algo relacionado à subjetividade e à operações restritas à imaginação. Assim a História é entendida como um exercício do pensamento marcado, não só pelo distanciamento temporal, mas também pelo distanciamento da materialidade, com fontes históricas restritas ao seu caráter de validação. No entanto, a experiência que buscamos retratar aqui mostra seu valor ao aproximar os estudantes da materialidade histórica, por apresentar as fontes históricas variadas como ferramentas para construção de sentidos sobre o passado e por mostrar aos estudantes a complexidade do conhecimento histórico e suas possibilidades de construções narrativas.

Segundo Rocha (2014) um desafio da sala de aula de História na educação básica é manter a atenção dos estudantes em um tema aparentemente alheio ao momento presente. Embora a busca pelo efeito de presença não seja suficiente para garantir a aprendizagem histórica, para Rocha, é fundamental para aproximar os estudantes desse conhecimento. Esse efeito de presença e a materialização das fontes históricas buscou uma orientação para uma aprendizagem significativa, isto é, incorporar à estrutura de conhecimento dos estudantes e ampliar significado

segundo uma sobreposição de estratégias pedagógicas voltadas para a descoberta de possíveis interpretações do passado estudado. A dimensão da aprendizagem por descoberta diz respeito à maneira em que os estudantes recebem os conteúdos que devem aprender, quanto mais se aproximarem de uma aprendizagem por descoberta, menos esses conteúdos serão recebidos como algo dado, pronto e acabado (Pelizzari et al., 2001–2002, p. 39).

Segundo Pereira e Seffner (2008), o uso de fontes em sala de aula tem sido comumente usado como caráter de prova e não devemos pensar que existe uma determinação natural para o uso de fontes. Durante essa experiência houve sempre uma preocupação em deixar ganchos para serem explorados no momento da visita e também em referenciar as peças do acervo não como provas de veracidade das narrativas desenvolvidas, mas como monumentos. Dito de outro modo, as tratamos como testemunhas do passado que nos dizem algo sobre aqueles que os produziram, cabendo aos interessados no presente questioná-los em busca explicações possíveis (Bloch, 2001).

Segundo Pierre Nora, “a memória liga-se à lembrança das vivências por laços afetivos e de pertencimento” (apud Siman, 2003, p.119). O desenvolvimento de memórias afetivas proporcionadas por uma visita escolar, cumpre uma dupla função; primeiro, é capaz de proporcionar a expressão da historicidade dos indivíduos, colocando-os na condição de sujeito investigador da História. Além disso, ainda no campo da historicidade, auxilia na sua compreensão como sujeito histórico e na desconstrução da heroicização de personagens canônicos, compreendendo todos como personagens formados por experiências, contextos, relações sociais e tempos diferentes. Segundo, ao desenvolver memórias afetivas em grupo, estamos integrando os estudantes aos espaços públicos, garantindo acesso e pertencimento aos bens sociais e culturais da cidade, elemento decisivo na construção das identidades e da cidadania.

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Através das aulas expositivas, atividades individuais e coletivas de leituras de textos e imagens, indagações e elaborações de problemas que relacionavam os valores em jogo – no passado e no presente –, procuramos sempre deixar em

aberto explicações possíveis. Buscamos com isso, a participação ativa dos sujeitos, ancorando sua atividade nos diversos ganchos e problemas interpretativos lançados às turmas. Esse procedimento orientou as aulas por pouco mais de um trimestre, no qual tivemos como recurso pedagógico principal o livro didático *Jovem Sapiens* para o 8º ano (Dias, Grinberg; Pellegrini, 2022) que serviu de suporte principal para os conteúdos previstos no plano de curso e *Juiz de Fora* e o *Museu Mariano Procópio* (Molinari, Ferreira, 2024) que serviu para a fase final da experiência preparando a visita ao museu conforme será descrito a seguir.

Pensando nas peças do acervo museológico como fontes históricas, portanto como testemunhos do passado, usamos essas peças chaves para tratar de diferentes questões. Iniciamos trabalhando as diversas representações sobre Tiradentes, problematizando a construção da sua imagem. Quanto ao trono de Dom João, valemo-nos do debate sobre o imaginário contemporâneo sobre as monarquias. O capacete imperial e a armaria serviram para um debate de fundo sobre o imaginário das armas e das guerras do século XIX. Além disso, serviram para debater as “tradições inventadas”, nas quais objetos do passado podem servir como instrumentos de invenção de tradições no esforço de construção simbólica da nação, criando heróis e fatos míticos a serem fixados na memória social (Hobsbawm, Ranger, 1984, p.9). As cartas de Pedro I à marquesa de Santos e as fotografias de família serviram como elementos que trouxeram essas personagens canônicas ao mundo dos humanos, revelando suas contradições, intimidades, sentimentos e afetividades. Além disso, todo o acervo pode ser explorado nas possibilidades que abrem para construção das narrativas sobre o Brasil.

Nas duas semanas que antecederam a visitação, ou seja, nas últimas oito aulas, entramos na fase de preparação, propriamente dita, explorando o livro *Juiz de Fora* e o *Museu Mariano Procópio*. Com as turmas divididas em quatro ou cinco estudantes por grupo, fizemos uma exploração do livro, alternada com discussões coletivas e buscamos conhecer a história do *Museu Mariano Procópio* e de seu acervo. Um ponto importante foi destacar o Museu no contexto municipal e nacional, ao discutir a sua relação com outros museus que igualmente são voltados para a História e memória nacional, a saber: o Museu Imperial, o Museu Nacional, o Museu

Histórico Nacional e o Museu do Ipiranga. Aqui, a ideia é que os estudantes tivessem alguma dimensão da importância do acervo disponível na cidade.

No momento do agendamento, em uma conversa rápida com o setor educativo do museu, fizemos um alinhamento dos objetivos pedagógicos da visita, para garantir que a visita guiada se relacionasse bem com a proposta de ensino que estava sendo realizada. Obviamente os profissionais e bolsistas que atendem às escolas já possuem seus roteiros, no entanto, o conhecimento prévio do acervo é importante para ligar o trabalho de sala de aula com a visita. Ao longo da exposição cada uma das peças-chaves foram revisitadas e, diante da materialidade histórica, os estudantes puderam estabelecer novas conexões e reforçar sentidos para as narrativas históricas.

Assim que chegamos ao parque do museu, os estudantes foram convidados a observar todo o paisagismo. Ao nos aproximarmos do prédio, convidamos a todos a observar suas formas, afinal, o valor histórico não está apenas nas peças de seu interior. Além disso, ainda tínhamos a atividade final de produção da maquete proposta pelo livro sobre o museu. Divididos conforme os mesmos grupos que exploraram o livro inicialmente, o trabalho de recorte, dobra e colagem das maquetes foi sendo realizado formando uma maquete para cada turma. Esses trabalhos foram expostos na feira cultural da escola de modo a chamar a atenção de estudantes de outras turmas para a experiência vivida pelos estudantes do 8º ano.

5. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

Durante todo o percurso da atividade aqui registrada, realizamos avaliações formativas e somativas, nas quais foi possível observar que a diversificação de estratégias pedagógicas favorece o alcance dos estudantes e amplia suas possibilidades de construção de sentidos. A sobreposição de estratégias pedagógicas propicia que tenhamos nuances no envolvimento dos estudantes conforme seus perfis. Contudo, o uso do museu como extensão das aulas dá um caráter educativo, social, cultural e político, em que a estruturação da sequência didática com as peças-chave do acervo museológico acresce um ganho significativo ao aproximar os estudantes do estudo da História, dando-lhes materialidade. Tal atividade permitiu ainda uma aproximação dos estudantes em relação à metodologia

de produção dos conhecimentos históricos, o que lhes garante um sentido de ciência como algo não previamente dado ou simplesmente decorativo.

A realização dessas visitas escolares contribui para o conhecimento e valorização do patrimônio histórico local e a compreensão de sua dimensão no cenário nacional. Além disso, auxilia no acesso à cidade favorecendo seu sentido de pertencimento e construção de memórias afetivas. Considerando o número de estudantes que já conheciam o espaço, no ano de 2024, e o número de estudantes que já haviam visitado o museu espontaneamente, é crível afirmar que atividades como essas incentivam às comunidades a se apropriarem dos espaços públicos.

Por fim, a atividade lúdica possibilitou que alguns estudantes estabelecessem uma relação diferenciada com o museu, desde a observação do prédio, até o trabalho colaborativo para encontrar a melhor forma de montar a maquete. Alguns estudantes tiveram a oportunidade de colocar suas habilidades manuais em ação em uma aula de História, outros tiveram de superar desafios para trabalharem sua coordenação motora cortando, dobrando e colando peças de papel. Aqui, o desenvolvimento de habilidades sócio-emocionais também foi algo destacado, pois tinham de trabalhar juntos conciliando diversos temperamentos, habilidades e propostas de solução para o quebra-cabeça tendo, ao final, um resultado coletivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado demonstra um rico potencial pedagógico e ganho para o ensino de História. Afirmamos isso mediante a alguns elementos que puderam ser verificados ao longo da leitura. Primeiro, foi possível observar ao dar materialidade à eventos, fatos e processos históricos, inicialmente tidos como distantes. Segundo, foi possível, ao proporcionar o uso de fontes históricas de modo que vão além do seu caráter tradicional, auxiliar a compreensão da História enquanto uma ciência, entendendo os métodos da construção do seu conhecimento. Terceiro, ao proporcionar o conhecimento de parte do patrimônio histórico municipal, desenvolve-se uma condição imperiosa para sua valorização. Quarto, ao oferecer uma atividade diferenciada das aulas tradicionais, proporciona-se a criação de memórias afetivas. Por fim, o desenvolvimento de habilidades sócio-emocionais, tanto na compreensão das maneiras de se portar e aprender em outros espaços

educativos que não a escola, como também nas atividades em grupo, especial na atividade de construção da maquete, foi observado em todo o processo.

7. REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. Jovem Sapiens: História – 8º ano. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2022. (Coleção Jovem Sapiens). **Suplementado pelo manual do professor**. ISBN 978-65-5763-245-1.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MOLINARI, Luis; FERREIRA, Marcus. **Juiz de Fora e o Museu Mariano Procópio**. 1. ed. Juiz de Fora, MG: Vem Com a Gente, 2024.

PELIZZARI, Adriana; KRIEGL, Maria de Lurdes; BARON, Márcia Pirih; FINCK, Nelcy Teresinha Lubi; DOROCINSKI, Solange Inês. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. **Revista PEC**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37–42, jul. 2001–jul. 2002.

PEREIRA, N. M.; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de História?** Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113–128, dez. 2008.

ROCHA, Helenice. A presença do passado na aula de História. In: CIAMBARELLA, A. et al. (org.). **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia**. São Paulo: Editora FGV, 2014.

SIMAN, Lana Mara de Castro. A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino e a aprendizagem. In: ZAMBONI, Ernesta; ROSSI (Org.). **Quanto tempo o tempo tem!** Campinas: Alínea, 2003.